

Terra sigillata

ANTÓNIA COELHO-SOARES

A *terra sigillata* exumada dos níveis arqueológicos escavados na Rua António Joaquim Granjo, 19 (RAJG.19) compreende 52 fragmentos em que o NMI=31. Esta reduzida frequência é explicável, em boa parte, pelo facto de a escavação não ter tido acesso a qualquer lixeira doméstica da época romana. A *terra sigillata* provém, principalmente, de níveis de enchimento ou de entulheiras e ocorre muitas vezes descontextualizada em níveis relativamente recentes como os que preenchem fossas com lixos do período islâmico (Quadro 1).

***Terra sigillata* de tipo itálico**

A *terra sigillata* de tipo itálico está representada por oito fragmentos (NMI=6), correspondentes às formas Consp. 4, 18, 19 ou 21 e 20 (Quadro 1).

O exemplar da forma Consp. 4 (Fig. 1, nº 1) é um prato de bordo arqueado e de parede interna bipartida; parece pertencer ao subtipo Consp. 4.5. É datável do período augustano-tiberiano. Surgiu no topo (C. 7A da Sondagem D) da entulheira rica em ânforas lusitanas precoces pertencente, por hipótese, a olaria que teria funcionado nas proximidades (Subfase IIA).

Da mesma entulheira (C. 8) proveio um exemplar da forma Consp. 18 (cf. Consp. 18.2) que, pelo seu perfil convexo-côncavo acentuado e por se apresentar muito moldurado interna e externamente, ou seja, com as superfícies divididas (Fig. 1, nº 2), atribuímo-lo também ao período augustano-tiberiano (cf. Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 23). Esta forma foi das mais abundantemente importadas durante o referido período, sendo muito frequente em Conimbriga (Delgado,

Mayet & Moutinho Alarcão, 1975, p.16 e Est. VII, nºs 88-89); Belo (Bourgeois & Mayet, 1991, p. 23-26 e Est. I e II), Santarém (Viegas, 2003, p. 57-60) e Abul A (Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 23 e Figs. 7 e 8).

Além do exemplar Consp. 18 atrás referido, surgiram dois outros indivíduos da mesma forma e variante, mas descontextualizados: o nº 3 (Fig. 1) proveio da entulheira datável do século III/1ª metade do século IV (C. 4 da Sondagem D), e o nº 4 (Fig. 1), de lixeira do período medieval islâmico (C. 3 da Sondagem D).

Os quatro exemplares de que nos ocupámos até agora integravam provavelmente o horizonte cronológico da nossa Subfase IIA. Ao início da Subfase IIB (meados do século I) podem ter pertencido os restantes indivíduos de *terra sigillata* de tipo itálico de forma identificável. Correspondem às formas Consp. 19 ou 21 e 20 (Fig. 1, nº 5), cuja vida se estende de Augusto a Cláudio (Consp. 20 e 21) ou mesmo até os Flávios – Consp. 19 (Pucci, 1985, p. 383) –, cronologia que se coaduna com a proposta para a formação dos contextos de onde esses exemplares provieram: respectivamente, C. 6 da Sondagem C e C. 9 das Sondagens A-B.

O fragmento da forma Consp.19 ou 21 está reduzido à meia cana convexa que estabelecia a ligação da parede ao fundo do recipiente. No que se refere à Consp. 20, trata-se de um prato de parede sub-rectilínea e simples, ligeiramente inclinada para o exterior.

***Terra sigillata* sudgálica**

A *terra sigillata* sudgálica, que integra a nossa Subfase IIB, é a mais frequente: 26 fragmen-

Quadro 1 - Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Distribuição da *terra sigillata* pelos contextos estratigráficos.

Forma	Sondagem A-B				Sondagem C				Sondagem D				Sond. E	Sond. F	Canalização B		Total																	
	C.4 NF NMI	C.7 NF NMI	C.9 NF NMI	C.10 NF NMI	C.4 NF NMI	C.5A NF NMI	C.5B NF NMI	C.6 NF NMI	C.3 NF NMI	C.4 NF NMI	C.7A NF NMI	C.8 NF NMI	C.4 NF NMI	C.4 NF NMI	C. A NF NMI	C. B NF NMI		NF NMI																
Tipo Itálico	-	-	-	1	1	-	-	-	-	1	1	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	8	6											
Consp. 4.5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1									
Consp. 18	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1									
Consp. 19 ou 21	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1									
Consp. 20	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1									
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-									
Sudgálica	-	-	1	1	1	1	2	1	2	1	6	4	5	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26	19									
Ritt. 8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Drag. 24/25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	5								
Drag. 27	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3								
Drag. 18	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	6								
Drag. 15/17	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3								
Drag. 37	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Indeterminados	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-								
Hispânica	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-								
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-								
Africana A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	2								
Hayes 14A	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Hayes 27	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-								
Africana C	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2								
Hayes 44	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Hayes 50	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Africana D	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2								
Hayes 61A	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Hayes 61B	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1								
Indeterminados	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-								
Total	2	2	1	1	2	2	2	1	4	2	7	4	5	2	1	1	3	2	10	6	1	1	1	1	2	2	5	4	2	1	4	2	52	31

tos (NMI=19). Está representada, quase exclusivamente, pelas taças Drag. 24/25 (Fig. 1, n^{os} 6 e 7) e Drag. 27 (Fig. 1, n^{os} 8 e 9) e pelos pratos Drag. 18 (Fig. 1, n^{os} 10 a 12) e Drag. 15/17 (Fig. 1, n^o 13). Além destas formas dominantes, há a acrescentar a Ritt. 8? (um exemplar marmoreado) e a Drag. 37 (Fig. 1, n^o 14). De um modo geral, as formas lisas referidas pertencem à variante B da classificação de Genin (2007), datáveis de 15-100/110 d. C. (Drag. 27B), 30-90/110 (Drag. 15-17B), de Tibério aos inícios do século II (Drag. 24/25B) e de 20/30- 110/120 d. C (Drag. 18B) (Genin, 2007, p. 322- 326 e 332-333).

Nos níveis onde a *terra sigillata* sudgálica parece estar bem contextualizada (Cs. 7, 9 e 10 das Sondagens A-B e Cs. 5A e 5B da Sondagem C), a *terra sigillata* hispânica encontra-se ausente. Poderíamos ser tentados a estabelecer um paralelo entre esta situação e a verificada em Mérida, na sequência estratigráfica da C/ Almedralejo 41, onde os contextos correspondentes ao auge das importações gálicas, datados de 50-60 d. C., não oferecem *terra sigillata* hispânica. Esta ocorre somente a partir de 70-80 d.C. (Bustamante, 2014). Porém, atenda-se à presença da forma Drag. 37, de *terra sigillata* sudgálica decorada, na C. 5 A da Sonda-

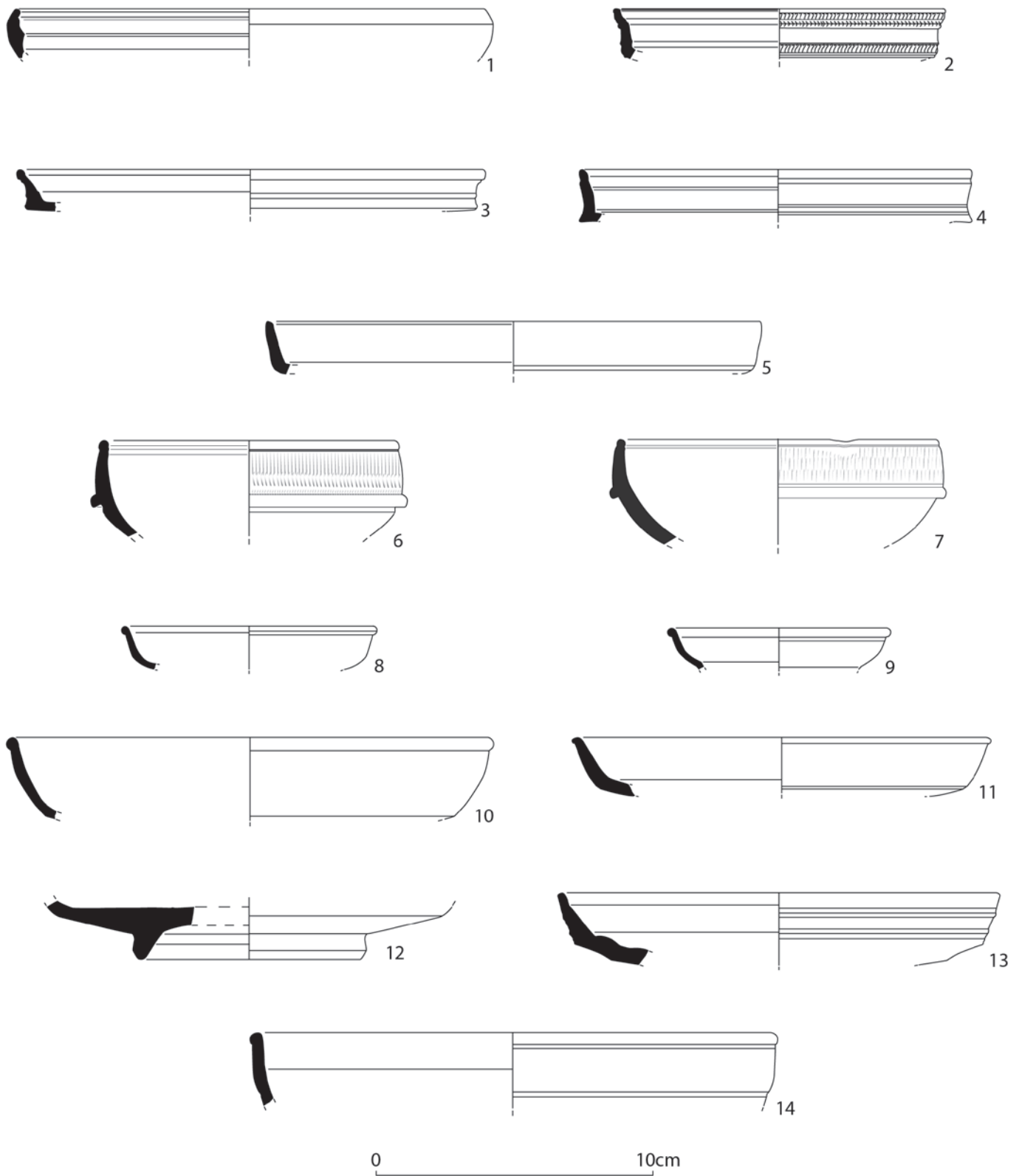


Fig. 1 - Rua António Joaquim Granjo, 19. *Terra sigillata* de tipo itálico (nºs 1-5) e sudgálica (nºs 6-14). Desenhos de Ana Castela e Teresa Rita Pereira.

gem C, onde a *terra sigillata* hispânica se mantém ausente. Aquela forma, embora tenha começado a ser produzida em meados do período neroniano, é com os Flávios que atinge o seu maior desenvolvimento (Bourgeois & Mayet, 1991).

A exclusividade da *terra sigillata* gálica nos níveis referidos anteriormente pode ser explicada por razões de ordem estatística (amostras muito reduzidas) aliadas ao facto de a *terra sigillata* hispânica ocorrer quer em Tróia quer em Setúbal (Quadro 2) em percentagens francamente inferiores às da *terra sigillata* sudgálica. Para o primeiro destes arqueossítios, a avaliação quantitativa das diferentes categorias de *sigillata* recolhidas nas antigas escavações mostrou que, para 302 exemplares de *terra sigillata* sudgálica (6,04 recebidos anualmente), foram assinalados 119 de hispânica

(1,19 recebidos anualmente), o que permitiu concluir tratar-se da mais fraca percentagem de *sigillata* hispânica reconhecida nos sítios lusitanos então analisados, e aceitar a seguinte explicação: “En effet Tróia, comme Belo, est un porte et reçoit ses importations davantage par la mer que par la terre; or les sigillées hispaniques ont une diffusion essentiellement fluviale et terrestre” (Etienne, Makaroun & Mayet, 1994, p. 27, Figs. 5 e 6).

Em Setúbal, de acordo com os dados fornecidos pelas intervenções arqueológicas efectuadas na Praça do Bocage (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 1980-81), Travessa João Galo (Tavares da Silva & Coelho-Soares, 2014) e Rua Francisco Augusto Flamengo (Tavares da Silva *et al.*, 2014), constata-se situação semelhante à de Tróia. (Quadro 2): 152 exemplares de *terra sigillata* sudgálica

Quadro 2 - Área urbana de Setúbal. *Terra sigillata* distribuída pelas diversas fases de ocupação identificadas na Praça do Bocage, Travessa de João Galo e Rua Francisco Augusto Flamengo.

<i>T. sigillata</i>	Prç. Bocage			Tr. João Galo				R. Francisco A. Flamengo		Total	
	F. I	F. II	F. III	F. II	F. III	F. IV	F. V	F. I	F. II	N	%
Tipo itálico	1	-	-	-	-	-	-	1	-	2	0,69
Sudgálica	11	9	2	17	-	1	-	107	5	152	52,41
Hispânica	1	1	1	3	2	6	-	47	-	61	21,03
Africana A	-	1	1	-	2	-	1	-	-	5	1,72
Africana C	-	-	7	-	-	6	2	-	1	16	5,52
Africana D	-	-	8	-	-	20	17	-	9	54	18,62
Total	13	11	19	20	4	33	20	155	15	290	100

Praça do Bocage: Fase I - meados/3º quartel do séc. I; Fase II - último quartel do séc. I e séc. II; Fase III - Baixo Império.
Tr. João Galo: Fase II - 2ª metade do séc. I/1ª metade do séc. II; Fase III - 2ª metade do séc. II; Fases III-IV - sécs. III-VI.
Rua Francisco A. Flamengo: Fase I - 2ª metade do séc. I e séc. II; Fase II - Baixo Império.

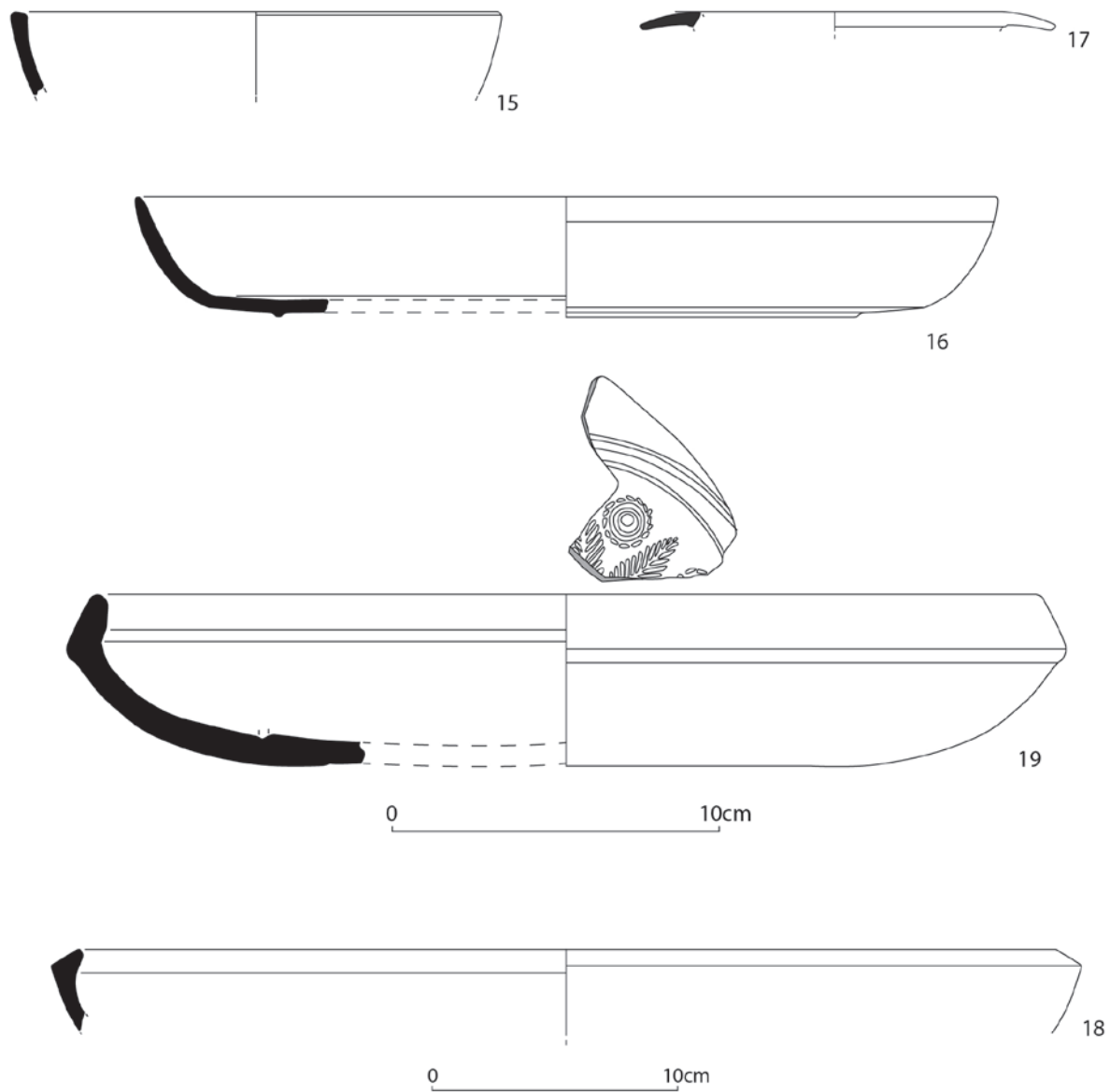


Fig. 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Terra sigillata africana A (nºs 15 e 16), C (nº 17) e D (nºs 18 e 19). Desenhos de Ana Castela.

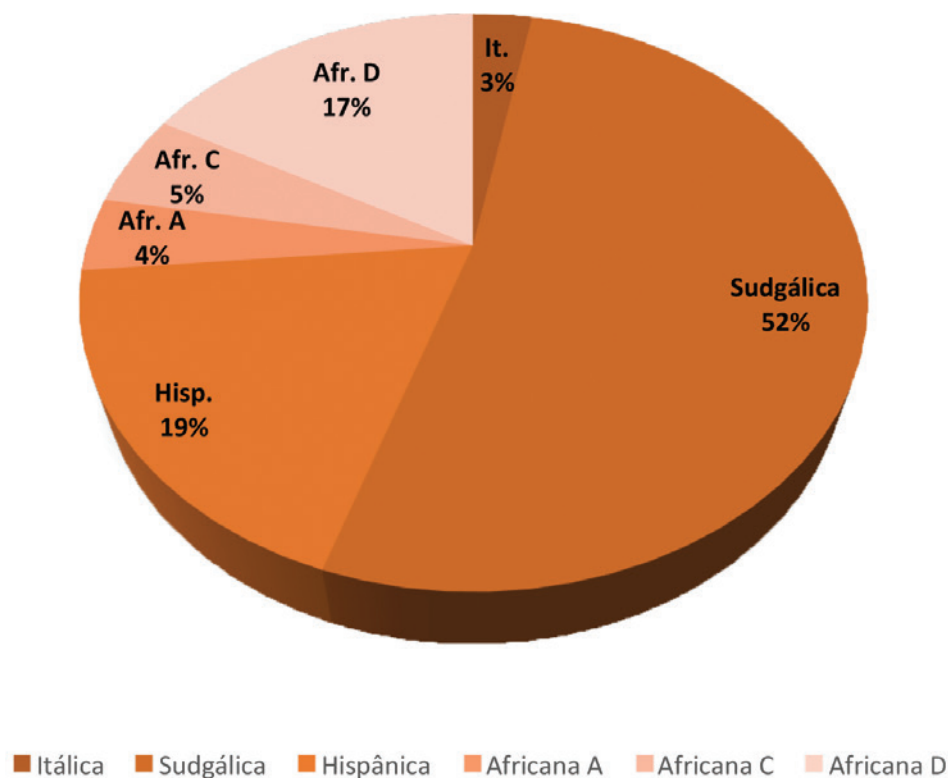


Fig. 3 - Frequências relativas da *terra sigillata* proveniente de escavações na área urbana de Setúbal (Praça do Bocage, Travessa João Galo, Rua Francisco Augusto Flamento e Rua António Joaquim Granjo 19).

e 61 de hispânica. Mesmo em contextos considerados do século II, como a Camada 7 da Rua Francisco Augusto Flamengo, a *terra sigillata* sudgálica chega a dominar, embora ligeiramente, a hispânica (Tavares da Silva *et al.*, 2014, Quadro 2).

Em suma, admitimos que, no Baixo Sado, a importação de *terra sigillata* sudgálica se tenha prolongado, sem a concorrência da *terra sigillata* hispânica, pelo último quartel do século I, como teria ficado evidenciado pelo conteúdo da C. 5 A da Sondagem C.

***Terra sigillata* hispânica**

Contamos apenas com três fragmentos, de forma indeterminada, de *terra sigillata* hispânica: um proveio da C.4 da Sondagem C, datável do sé-

culo II/III; os restantes encontravam-se nitidamente descontextualizados.

***Terra sigillata* africana**

No que respeita à *sigillata* africana A, dos nove fragmentos identificados, dois permitiram determinar a forma: Hayes 14A (NMI=1 – Fig. 2, nº 15) e Hayes 27 (NMI=1 – Fig. 2, nº 16); ambas são datáveis dos finais do século II e do século III (Bonifay, 2004, p. 159).

Reflectindo a intensificação de um processo de desurbanização, com o local a ficar desabitado entre o século III e o período medieval islâmico, sendo então ocupado (Subfases II C e II D) por entulhos e derrubes dos edifícios do Alto Império e, no século VII (Fase III), por necrópole “visi-

gótica”, quer a *terra sigillata* africana C quer a D mostram diminuta expressão quantitativa (Quadro 1), cada um destes grupos com dois exemplares: Hayes 44 e Hayes 50? e Hayes 61A e Hayes 61B, respectivamente.

Catálogo

1 - RAJG.19/220. Sond. D, Q. G6, C.7A. *Terra sigillata* de tipo itálico Consp. 4.5. Diâmetro interno da boca (Dib) *ca.* 160mm.

2 - RAJG.19/56. Sond. D, Q. G6, C. 8. *Terra sigillata* de tipo itálico Consp. 18.2. Dib *ca.* 120mm.

3 - RAJG.19/222. Sond. D, Q. H7, C. 4A. *Terra sigillata* de tipo itálico Consp. 18. Dib *ca.* 160mm.

4 - RAJG.19/218. Sond. D, Q. G6, C. 3. *Terra sigillata* de tipo itálico Consp. 18. Dib *ca.* 140mm.

5 - RAJG.19/329. Sond. A-B, Q. J8, C. 9. *Terra sigillata* de tipo itálico Consp. 20. Dib *ca.* 170mm.

6 - RAJG.19/324. Sond. D, Q. I6, C. 4A. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 24/25. Dib *ca.* 100mm.

7 - RAJG.19/213. Sond. D, Q. I6, C. 4A. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 24/25. Dib *ca.* 110mm.

8 - RAJG.19/207. Sond. F, Q. F7, C. 4B. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 27. Dib *ca.* 9mm.

9 - RAJG.19/208. Sond. C, Q. J6, C. 5B. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 27. Dib *ca.* 7mm.

10 - RAJG.19/234. Sond. A-B, Q. K8, C. 9. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 18. Dib *ca.* 170mm.

11 - RAJG.19/214. Sond. D, Q. H7, C. 3. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 18. Dib *ca.* 140mm.

12 - RAJG.19/217. Q. I7 (interior Canalização β), nível B. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 18.

13 - RAJG.19/215. Sond. D, Q. H7, C. 4A. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 15/17. Dib *ca.* 160mm.

14 - RAJG.19/211. Sond. C, Q. J6, C. 5A. *Terra sigillata* sudgálica. Drag. 37. Dib *ca.* 180mm.

15 - RAJG.19/200. Sond. C, Q. I7, C. 4. *Terra sigillata* africana A. Hayes 14A. Dib *ca.* 160mm.

16 - RAJG.19/206. Q. E-F/6, C. 4I. *Terra sigillata* africana A. Hayes 27. Dib *ca.* 260mm.

17 - RAJG.19/202. Sond. F, Q. F7, C. 3K. *Terra sigillata* africana C. Hayes 44. Dib *ca.* 100mm.

18 - RAJG.19/203. Sond. A-B, Q. J8, C. 4A. *Terra sigillata* africana D. Hayes 61A. Dib *ca.* 400mm.

19 - RAJG.19/223. Sond. A-B, Q. K8, C. 4A. *Terra sigillata* africana D. Hayes 61B. Dib *ca.* 280mm.

Referências bibliográficas

- Bonifay, M. (2004) – *Etudes sur la céramique romaine tardive d’Afrique*. BAR International Series 1301. Oxford: Archaeopress.
- Bourgeois, A.; Mayet, F. (1991) – *Belo VI: les sigillées*. Madrid: Casa de Velázquez.
- Bustamante Álvarez, M. (2013) – *La terra sigillata hispânica em Augusta Emerita*. Mérida: Instituto de Arqueologia.
- Delgado, M.; Mayet, F.; Moutinho Alarcão, A. (1975) – Les sigillées. In J. Alarcão; R. Etienne (dir.), *Fouilles de Conimbriga*, IV. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Étienne, R.; Makaroun, Y.; Mayet, F. (1994) – *Un grand complexe industriel à Tróia (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Genin, M. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Sigillées lisses et autres productions*, II. Éditions de la Fédération Aquitania.

- Hayes, J. W. (1972) – *Late Roman pottery*. London: The British School at Rome
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2002) – *L'atelier d'amphores d'Abul (Portugal)*. Paris: Difusion E. de Boccard.
- Pucci, G. (1985) – *Terra sigillata italica. Atlante delle forme ceramiche II, cerâmica fina romana nel bacino del Mediterraneo. (Tardo elenismo e Primo Impero)*. Enciclopedia dell'Arte Antica. Roma: Istituto dell'Enciclopedia italiana.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – A Praça do Bocage (Setúbal) na Época Romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 249-294.
- Tavares da Silva, C.; Coelho-Soares, A. (2014) – Preexistências de Setúbal. A ocupação da Época Romana da Travessa de João Galo, nºs 4-4B. *Setúbal Arqueológica*, 15, p. 305-338.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa, Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*, 4, p. 161-214
- Viegas, C. (2003) – *Terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio. Trabalhos de Arqueologia*, 26. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.